

A automutilação no ambiente escolar

Self-Mutilation in the School Environment

Sandra Mara Mezalira¹

<https://orcid.org/0000-0002-3326-0322>

Leilacir Beltz²

<https://orcid.org/0000-0002-5300-1379>

Heloisa de Lourdes Boni³

<https://orcid.org/0000-0002-9614-2083>

Cleudeny Diek Coelho⁴

<https://orcid.org/0000-0003-3556-6330>

Resumo

A prática da automutilação tem se tornado rotina entre os adolescentes e sendo observada com frequência no ambiente escolar. Com o intuito de compreender a automutilação e de alguma forma auxiliar os alunos, foi realizado um estudo teórico e prático sobre a temática em uma escola pública de Sinop/MT. A prática consistiu em acompanhar os alunos praticantes ou que já haviam praticado a automutilação a partir de observações em sala de aula pelos professores, entrevistas individuais e coletivas e encontros semanais com um psicólogo. Observamos que a automutilação está relacionada à vários fatores, entre eles, sentimento de culpa, chamar a atenção dos pais, pertencimento de grupo, moda e depressão. Na maioria dos casos, os pais ou cuidadores ignoram ou rejeitam a automutilação, pois veem como ‘frescura’ do adolescente, agem em confronto ao mesmo e não auxiliam no suporte para o tratamento. Após o acompanhamento pelo psicólogo e o encaminhamento para tratamento psiquiátrico percebemos que a maioria dos alunos tiveram uma maior participação nas aulas realizando as atividades propostas e, portanto, resultando em uma melhora na comunicação e aprendizagem. Acreditamos que o trabalho realizado com a automutilação no ambiente escolar pode fortalecer vínculos entre professores e alunos, entre alunos e família e entre família e escola. A escola pode facilitar a comunicação realizando palestras ou eventos de aproximação entre ambos.

Palavras-chave: autolesão, escola, adolescência, família, aprendizagem.

Abstract

The practice of self-mutilation has become routine among teenagers and has been observed frequently in the school environment. In order to understand self-mutilation and to help students in some way, a theoretical and practical study on the subject was carried out in a public school in Sinop/MT. The practice consisted of accompanying students who practiced or who had already practiced self-mutilation through classroom observations by teachers, individual and group interviews and weekly meetings with a psychologist. We observed that self-mutilation is related to several factors, among them, feeling of guilt, drawing the attention of parents, belongingness, fashion and depression. In most cases, parents or caregivers ignore or reject self-mutilation, as they see it as if the teenager is making a big deal over

¹ Licenciada em Ciências Biológicas e Doutoranda em Educação em Ciências. Vinculada à E.E.Enio Pipino - Sinop/MT. E-mail: sandmezal@gmail.com.

² Licenciada em Ciências Biológicas e Mestre em Ciências Ambientais. Vinculada à E.E.Enio Pipino - Sinop/MT. E-mail: leila-bio@hotmail.com.

³ Licenciada em Letras. Vinculada à E.E.Enio Pipino - Sinop/MT. E-mail: heloisaboni@brturbo.com.br.

⁴ Bacharel em Psicologia. E-mail: cleudenydiek@hotmail.com.

nothing, they act in confrontation and do not assist in support for treatment. After psychological monitoring and referral for psychiatric treatment, we realized that most students had a greater participation in classes performing the proposed activities and, therefore, resulting in an improvement in communication and learning. We believe that the work done on the self-mutilation subject in the school environment can strengthen bonds between teachers and students, between students and family and between family and school. The school can facilitate communication by giving lectures or developing events to promote rapprochement between the parties.

Keywords: Self-injury. School. Adolescence. Family. Learning

Introdução

A prática da automutilação tem se tornado rotina entre os adolescentes e sendo observada com frequência no ambiente escolar, deixando os profissionais da educação preocupados com tal situação. Algumas pesquisas realizadas no Brasil na área da educação e da psicologia revelam esses fatos preocupantes (GIUSTI, 2013; GONÇALVES, 2016; ARAÚJO, 2018; LACERDA, 2019; DUNKER, 2017; CEDARO E NASCIMENTO, 2013).

Para Giusti (2013), não há consenso sobre o conceito de automutilação, mas sim uma concordância em explicar as formas mais frequentes como, os cortes superficiais, as queimaduras, os arranhões, as mordidas e bater as partes do corpo contra paredes ou objetos. Dunker (2017), revela que a automutilação é uma prática para redução da angústia. Cedaro e Nascimento (2013) afirmam que a automutilação é uma ação de se machucar intencionalmente, de forma superficial, moderada ou profunda, sem intenção suicida consciente. Também o autor Bizri (2014), assegura que a automutilação é um tipo de acordo para evitar a total aniquilação da pessoa, o que conduziria ao suicídio.

É importante ressaltar que a prática da automutilação entre os adolescentes está associada com as frustrações relativas ao universo das descobertas dos adolescentes, envolvendo uso de drogas, intrigas escolares, isolamento social, crises familiares e as primeiras decepções amorosas (CEDARO e NASCIMENTO, 2013). Para Giusti (2013), os fatores podem ter várias origens como a sensação de rejeição ou abandono (real ou não), culpa e “vazio”. Há quem se utilize de um ato autolesivo pela dor, mas outros o fazem porque todo mundo está fazendo” (NETO, 2014). Há também as áreas mais comuns dessa prática, sendo os braços, pernas e peito, entre outras partes frontais do corpo, em que existe mais facilidade de acesso e lugares que facilmente podem ser escondidos. (GONÇALVES, 2016).

Com a realização do ato da automutilação há uma sensação de bem-estar e alívio momentâneo e/ou culpa, vergonha e tristeza. As sensações de bem-estar e alívio podem persistir por algumas horas, alguns dias e, mais raramente, por algumas semanas, retornando os sentimentos precipitantes a seguir. Durante o comportamento, é comum não sentirem dor ou dor de leve intensidade associada às lesões. (GIUSTI, 2013).

Enfim, a automutilação ou autolesão pode ter interpretações diferentes dependendo da posição adotada de quem a interpreta. “A autolesão pode ser tida por juristas como um crime, por médicos como um sintoma de transtorno mental, por psicólogos como forma de enfrentamento do sofrimento psíquico e por religiosos, como prática necessária à expiação dos pecados”. (ARCOVERDE, 2013, p. 15). Em cada sociedade, área de estudo e cultura, podem surgir sentidos e significados diferentes e singulares.

Frente a esses fatos, que ocorrem seguidamente em nossas instituições de ensino, muitos são os desafios para os educadores. Nesse contexto, o que os estudantes dizem sobre a prática da automutilação e como podemos auxiliar nossos alunos que estão passando por essa situação?

Com o intuito de compreender a automutilação e de alguma forma auxiliar os alunos, foi realizado um estudo teórico e prático sobre a temática em uma escola pública de Sinop/MT. A prática consistiu em acompanhar os alunos praticantes ou que já haviam praticado a automutilação a partir de observações em sala de aula pelos professores, entrevistas individuais e coletivas e encontros semanais com um psicólogo.

Detalhamento e discussão do relato

Desde o ano de 2015 até o ano de 2018 realizou-se em uma escola pública de Sinop/MT o acompanhamento semanal de estudantes que praticavam ou que já haviam praticado o ato da automutilação. Esse processo ocorreu com o auxílio de um psicólogo que se dispôs a acompanhar esses alunos com diálogos por meio de entrevistas coletivas e individuais. Além disso, no ano de 2018 iniciamos encontros coletivos quinzenais com professores e o psicólogo para um estudo teórico sobre a temática da automutilação e as discussões sobre o acompanhamento dos alunos. Também foi possível realizar pelos professores observações sobre o comportamento de alunos em sala de aula e

anotações em caderno de campo. Para preservar a identidade dos estudantes participantes desse processo foram utilizados neste relato, nomes fictícios.

A justificativa para início do estudo sobre a temática da automutilação na escola, foi devido a ocorrência e aumento de muitos casos dentro da instituição. Começamos a perceber que alguns alunos se dirigiam até a coordenação para tratar do assunto, alguns estabeleciam uma relação de confiança com o professor e acabavam contando seu caso, e outros tentavam esconder esses acontecimentos mantendo os punhos encobertos e usando agasalhos. “Esconder os ferimentos é algo que os (as) atraí, pois além do destaque no grupo existe a motivação pelo risco de serem descobertos (as) por outras pessoas”. (GONÇALVES, 2016). Quanto a autoagressividade, circunscreve-se a uma esfera íntima e facilmente acobertada pelo adolescente, pois são quase sempre realizados em uma parte do corpo menos monitorada pelos pais ou pela família. (FORTES E MACEDO, 2017).

Em uma das entrevistas coletivas realizada com o grupo de alunos e com o psicólogo, estes foram questionados sobre o que os mesmos pensavam que levaria uma pessoa a praticar a automutilação. Através do diálogo com os alunos participantes obtivemos algumas respostas como: sentimento de culpa, chamar a atenção dos pais, pertencimento do grupo, moda, problemas emocionais e depressão. Para Fortes e Macedo (2017), os acontecimentos penosos antecedem o início dos cortes, como um irmão que morreu, um namoro que terminou, ou seja, acontecimentos que produzem uma dor psíquica insuportável, com a qual o jovem não conseguiu lidar, associada ao forte sentimento de solidão por não se ter com quem partilhar esta dor. Diante disso, a mutilação surge como um recurso desesperador para arrefecer a angústia. Para Fernandes (2011), entende-se que as automutilações são formas de linguagem expressa no corpo, para expressar o não dito, tendo significados individuais para cada pessoa, desde punição, alívio da angústia, manipulação e inclusão em grupo.

É importante relatarmos outros fatos ocorridos com alunos em relação a automutilação, entre eles, um aluno denominado de Josenir que aos seus 16 anos frequentava o nono ano do Ensino Fundamental. A professora relata que, logo no primeiro dia de aula o mesmo se apresentou para a turma e não teve receio em declarar que se automutilava desde os oito anos de idade, mas naquele momento não revelou os motivos que o levava a tal prática. No início do ano letivo o aluno se apresentava

totalmente distante das atividades desenvolvidas em sala de aula, na maioria das vezes debruçava-se sobre a mesa e dormia durante boa parte do tempo. Apresentava dificuldade de concentração e ao realizar as atividades propostas, dificilmente interagia com os demais alunos da sala.

Com o passar dos dias este aluno fez uma única amizade dentro da sala de aula, e assim começou a desabafar sobre o que passou e os motivos que o levava a se automutilar. Com o decorrer do tempo, em alguns momentos apresentava melhoras e em outros chegou a desmaiar em sala durante a aula de Ciências, necessitando da intervenção do corpo de bombeiros para encaminhá-lo ao atendimento médico.

Por meio de uma carta escrita pelo aluno em um trabalho realizado na escola, ficamos sabendo que o mesmo foi abusado sexualmente por um membro da família quando tinha apenas oito anos de idade. Além disso, o mesmo tentou suicídio, e a partir daí encontrou na automutilação uma forma de aliviar a dor que sentia, como mostra os fragmentos a seguir:

Eu quando tinha oito anos fui abusado por um familiar, dias depois desse triste ocorrido tentei suicídio, mas não deu certo. Quando eu pensava naquilo algo dentro de mim doía muito, estava me corroendo por dentro, eu precisava de alguma forma tirar aquilo. Então eu me cortei com uma faca de serra, não doeu tanto como eu pensava, mas isso tinha me aliviado, mas não foi o suficiente e eu me cortei mais e mais, eu tinha chegado ao ponto onde eu me cortava toda hora, isso com oito anos de idade, ao longo do tempo até meus quinze anos eu tentei suicídio onze vezes de maneiras diferentes, eu me cortava tanto que tenho várias cicatrizes nos braços e nas coxas (ALUNO JOSENIR, 2018).

Neste sentido, podemos observar que a dor corporal é vista na escrita desse jovem como um “substituto da dor moral, isto é, como uma forma presentificada via cortes no corpo que atesta a impossibilidade de sentir a dor da alma. Busca-se assim, paradoxalmente, apaziguar a dor psíquica insuportável por meio do ato de infligir-se uma dor física.” (FORTES E MACEDO, 2017, p.355).

É importante destacar que durante o primeiro semestre de 2018 Jocenir pouco interagiu com os professores e colegas e por várias vezes foi direcionado à coordenação pedagógica da escola para dialogar sobre os acontecimentos em sala de aula, e ao perceber a gravidade em que o mesmo se encontrava, foi providenciado um atendimento psicológico para o mesmo, encaminhado ao Conselho Tutelar e posteriormente a um psiquiatra. No decorrer do ano o aluno frequentou as seções de tratamento com o

psicólogo e psiquiatra, e gradativamente fomos percebendo a melhora em seu comportamento.

Com o passar do tempo Jocenir tornou-se mais comunicativo, interagindo com os demais alunos e professores, resultando em um dos alunos mais ativos e participativos durante as aulas. Realizava todas as atividades propostas e tirava dúvidas sobre o conteúdo. Percebemos que o tratamento realizado com o mesmo estava trazendo bons resultados, inclusive, sendo até escolhido para ser o líder da turma.

Além desse relato na forma escrita, tivemos outros relatos anotados em caderno de campo que resultaram das entrevistas realizadas individualmente com o psicólogo. Em um dos relatos, uma das participantes denominada de Josiane revelou que a automutilação iniciou com a separação dos pais. A mesma expôs alguns motivos que a levaram a praticar a automutilação, entre eles o fato de a mesma sentir-se muito sozinha, sem apoio da mãe e a ausência do pai. A queixa maior relatada por Josiane foi que a mãe não a apoiava, julgando-a a todo o momento, inclusive que o fato de a mesma se automutilar era “frescura” e coisa de adolescente. A automutilação ainda continuou na vida da adolescente, apresentando pensamentos suicidas e necessitando de intervenção psicológica e psiquiátrica e então encaminhada aos profissionais pela escola.

Considerações finais

A temática da automutilação é muito relevante e atual, pois, a cada dia nos deparamos com situações de risco e violência dentro das escolas. Temos a percepção de uma mudança de comportamento de gerações, o mundo mudou muito rápido e com eles as consequências físicas, ambientais e psicológicas. A automutilação é uma destas consequências e mudanças, hoje as crianças e adolescentes tem um acesso enorme a todo tipo de informação seja ela boa ou ruim, agradável ou desagradável. A maneira como eles irão agir ou reagir diante do conhecimento adquirido vai depender muito de todo um contexto biopsicossocial, qual a concepção, ideais, caráter e de vínculo emocional e afetivo com os seus cuidadores.

De acordo com o acompanhamento realizado com os adolescentes observamos que a automutilação está relacionada à vários fatores, entre eles, sentimento de culpa, chamar a atenção dos pais, pertencimento de grupo, moda e depressão. Na maioria dos casos, percebemos que os pais ou cuidadores geralmente ignoram ou rejeitam a

automutilação, pois veem como ‘frescura’ do adolescente, agem em confronto ao mesmo e não auxiliam no suporte para o tratamento. Conforme Gonçalves (2016), a automutilação produz marcas, e estas podem ser a expressão de uma manifestação cultural, religiosa, de pertencimento a um grupo, de pedido de ajuda, sendo que a pessoa que a pratica pode, dependendo dos sentidos atribuídos, desejar ou não desejar a interferência do outro.

O acolhimento realizado na escola durante as entrevistas, observações em sala de aula e reunião com o grupo, teve um resultado positivo, pois oferecemos a estes adolescentes um momento para falar da sua dor, sem medo, preconceito ou julgamento. E ao mesmo tempo tivemos a possibilidade de proporcionar um aconselhamento breve, não de julgamento, mas de amor e respeito a dor dos mesmos. Além disso, e talvez o ponto mais importante foi que a maioria destes estudantes que acompanhamos no decorrer do processo tiveram uma maior participação nas aulas realizando as atividades propostas e, portanto, resultando em uma melhora na comunicação e aprendizagem.

Acreditamos que uma sugestão para lidarmos com a automutilação no ambiente escolar é a fortalecimento de vínculos, entre professores e alunos, alunos e família, família e escola. Seja o professor tentando identificar os casos em sala de aula e ser empático com a situação do aluno, o apoio e uma melhor comunicação entre alunos e família/pais. As escolas também podem facilitar esta comunicação realizando palestra ou evento de aproximação com ambos.

Conforme Gonçalves (2016), é importante não deixarmos que essas práticas assumam o lugar do respeito e do conhecimento. A discussão acerca do corpo e das práticas sobre ele, incluindo a automutilação, deve ser realizada na escola na interseção com práticas de violência – sexismo, homofobia, transfobia, padrões de corpo –, pois o que nos preocupa não é o corte em si, mas quais os motivadores para que o (a) adolescente o faça.

Enfim, discutir sobre a automutilação é pensar sobre as diferenças, as imposições e também sobre sentimentos, amizade, família, respeito, violência, medo, anorexia, bulimia, violência, homossexualidade, transexualidade, construção da masculinidade e da feminilidade, diferenças sociais, entre outros aspectos que modelam o ser e existir de adolescentes que compõem as nossas escolas. (GONÇALVES, 2016).

E a abordagem desses temas podem ser contemplados por meio de projetos e palestras desenvolvidos dentro da escola.

Referências

ARAÚJO, V. L. M. A prática pedagógica transdisciplinar e sua importância para sala de aula com adolescentes-jovens em processos de automutilação. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Pernambuco. Nazaré da Mata – PE, 2018.

ARCOVERDE, Renata Lopes. Autolesão e produção de identidades. Recife. **Dissertação (mestrado)** – Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Mestrado em Psicologia clínica, 2013, 83p.

BIZRI, E. R. Z. Self Cutting: uma visão psicanalítica sobre os transbordamentos pulsionais no corpo. In: **Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental**, 5, 2014, Belo Horizonte. Anais eletrônicos... São Paulo: RLPF, 2014.

CEDARO, J.J., NASCIMENTO, J.P.G. Dor e gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilações. **Psicologia**. USP/São Paulo, 2013 24(2), pp. 203-223. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v24n2/v24n2a02.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2020.

DUNKER, C. **Automutilação, adolescentes e psicanálise** [online]. Publicado em: 4 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com>>. Acesso em: 23 abril 2020.

FERNANDES, H. M. **O corpo e os ideais do clínico contemporâneo**. [S.l.: s.n.], 2011.

FORTES, I., MACEDO, M.M.K. Automutilação na adolescência - rasuras na experiência de alteridade. **Psicogente**. Barranquilla/Colombia 20 (38): p. 353-367. Julio-Diciembre, 2017. Disponível em <http://www.scielo.org.co/pdf/psico/v20n38/0124-0137-psico-20-38-00353.pdf>. Acesso em 28 de abril de 2020.

GIUSTI, J. S. Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo. **Tese de doutorado**. Faculdade de Medicina da USP. São Paulo, 2013.

GONÇALVES, J. N. “Vocês acham que me corto por diversão?” Adolescentes e a prática da automutilação. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-graduação em Educação – UFU, Uberlândia/MG. 2016.

LACERDA, E. P. Possibilidades de superação do suicídio entre estudantes do Ensino Fundamental. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2019.

NETO, L. **Prática de automutilação entre adolescentes se dissemina na internet e preocupa pais e escolas**, 2014. Disponível em: [http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/pratica de-automutilacao-entre-adolescentes-sedissemna-na-internet-preocupa-pais-escolas-14050535](http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/pratica-de-automutilacao-entre-adolescentes-sedissemna-na-internet-preocupa-pais-escolas-14050535)>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Submetido em: 26 jul. 2019.

Aprovado em: 04 jun. 2020.